

e-books
NÚCLEO DE FORMAÇÃO

Ideologias

Políticas



Copyright © 2020 Brasil Paralelo
Os direitos desta edição pertencem a Brasil Paralelo

Editor Responsável: Equipe Brasil Paralelo
Revisão ortográfica e gramatical: Equipe Brasil Paralelo
Projeto de capa: Equipe Brasil Paralelo
Produção editorial: Equipe Brasil Paralelo

Ferrugem, Lucas

Ideologias Políticas: Aula 2

ISBN:

1. Ideologias Políticas

CDD 320

Todos os direitos dessa obra são reservados a Brasil Paralelo.
Proibida toda e qualquer reprodução integral desta edição por qualquer meio ou forma, seja eletrônica ou mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer outro meio de reprodução sem permissão expressa do editor.

Contato:

www.brasilparalelo.com.br

contato@brasilparalelo.com.br

SINOPSE

Neste e-book, continuação de “Ideologias Políticas - diferentes correntes”, compreendemos como as teorias elaboradas pelos integrantes da Escola de Frankfurt foram materializadas. Além disso, são abordadas as propostas de David Horowitz e Saul Alinsky e como ocorreu sua aplicação pela esquerda brasileira.

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

Ao terminar este e-book, espera-se que você saiba: quem foi David Horowitz e quais suas propostas; quem foi Saul Alinsky e quais suas propostas; os três tipos de poder; como ocorreu o aparelhamento estatal brasileiro; o cenário das ONGs no Brasil.

INTRODUÇÃO

No e-book “Ideologias políticas - as diferentes correntes, fizemos uma retrospectiva das culturas formadas na humanidade, um ponto de vista conservador e outro revolucionário, alterando a perspectiva que compreende esquerda e direita como os grandes campos do espectro político. Depois, desenhamos algumas ideologias mais tradicionais como o liberalismo, o fascismo, a social-democracia, etc.. No final, abordamos a Escola de Frankfurt, um movimento de pensadores alemães, e como estes conseguiram transformar algumas pautas em militância política. Com isso, surgiram dúvidas e o interesse que explorássemos com mais afinco a ideia acerca do progresso social *versus* malefício social de pautas organizadas em torno de palavras hoje famosas como feminismo, gayzismo.

Existe uma explicação de como isso foi metodologicamente implementado. Por isso, o foco deste e-book é explorar um pouco da aspecto teórico e muito do aspecto prático desta estratégia.

Na primeira parte deste e-book, iremos entender como a teoria migrou para a prática, ao sair da Escola de Frankfurt e se implementar culturalmente por meio do aparelhamento desenhado por um sujeito chamado Saul Alinsky. Na segunda parte, nos dedicaremos a entender como isso funciona no Brasil, fazendo o mapeamento de diferentes ONGs, no Estado, no governo, em toda infraestrutura que conhecemos, mas que não enxergamos a serviço do que e como está.

A REVOLUÇÃO CULTURAL DE GRAMSCI

Para contar quem foi Saul Alinsky, antes, precisamos conhecer dois indivíduos. O primeiro deles, Antonio Gramsci, um teórico alemão do partido comunista italiano, foi responsável por compreender que era perda de tempo fazer uma revolução armada, empreender uma guerra para conseguir o poder a fim de, tomar o Estado para implementar o socialismo através da planificação da economia e de tudo aquilo que a teoria socialista propunha. Gramsci argumentou que era mais fácil, por meio das instituições culturais, fazer as pessoas acreditarem que as coisas não valem mais e que o socialismo é a melhor opção. Gramsci entendia que a revolução cultural era um frente de batalha muito mais viável que o estado de armas implementado por Lênin e utilizado para construir a União Soviética.

Para contar quem foi Saul Alinsky, precisamos, antes, falar de dois indivíduos que tornaram fundamental esse entendimento. Um dos deles é Antonio Gramsci, que foi responsável por compreender que era perda de tempo tomar o Estado para implementar o socialismo. Gramsci entendeu que era perda de tempo fazer uma revolução armada, ter que fazer uma guerra para conseguir o poder e a partir desse poder criar a planificação da economia e fazer tudo aquilo que a teoria socialista propunha. Gramsci achava muito mais fácil por meio das instituições culturais fazer as pessoas acreditarem que as coisas não valem mais e que o socialismo é a melhor opção. Gramsci achava que a revolução cultural era um frente de batalha muito mais viável que o Estado de armas, o qual foi implementado por Lênin e construiu a União Soviética. A revolução cultural, portanto foi a construção e a contribuição de Gramsci.

OS PRINCÍPIOS DE DAVID HOROWITZ

O segundo sujeito de que precisamos falar, o qual foi brevemente citado na aula “Ideologias políticas - as diferentes correntes”, é David Horowitz, um socialista americano, militante, filho de pais revolucionários.

Horowitz ficou desiludido quando a queda da União Soviética trouxe à tona todos escândalos dos campos de concentração de trabalho forçado de Stálin. Nessa ocasião, percebeu que a esquerda precisava ser reconstruída e desenhou a *new left*. A *new left* é uma forma de fazer a revolução cultural a partir das ideias desenvolvidas pelos teóricos da Escola de Frankfurt, de implementar, por meio de artistas, ideias como “faça amor, não faça guerra” e outras tantas, presentes em canções fantásticas como “Imagine” de John Lennon.

Este foi exatamente o ponto em que paramos em “Ideologias Políticas - as diferentes correntes”: apontamos essas ideias, mas não as desenhamos na prática.

À primeira vista, podemos ter a impressão de que essa estratégia foi escrita em alguns livros e que organicamente certos intelectuais e cantores a leram e foram convencidos por essas ideias, partindo, então, para essa vivência de implementar a revolução cultural. No entanto, a história não ocorreu assim. Houve um sujeito específico, um indivíduo-chave, Saul Alinsky, que leu “A arte da Guerra Política”, de David Horowitz, em que este desenha a chamada estratégia de *frames*, e o utilizou para construir a política tal qual a conhecemos hoje. A partir deste momento, ao travarmos contato com os princípios que Horowitz propõe, perderemos a nossa ingenuidade política e ganharemos a compreensão de que nada do que assistimos vale algo para considerarmos que são as pessoas.

Horowitz achava que a maneira como estava dada a luta entre republicanos e democratas era muito ingênua. Ele percebia os erros de ambos partidos porque sabia identificar o que havia em comum na estratégia dos vitoriosos. De acordo com Horowitz, os vitoriosos não perdem tempo com argumentos. Eles usam o tempo para parecerem os mais competentes para ganhar o governo. Eles usam seu tempo para influenciar o juízo da maioria. Para que suas ideias fiquem mais claras, eu separei onze princípios expostos em seu livro para explorarmos.

1º Princípio

Deixe para os republicanos mirarem nos problemas. Os democratas miram na política.

Com esse princípio, Horowitz aponta que não interessa focar na solução, por exemplo, do saneamento básico. Interessa, na verdade, como fazer política com a discussão do saneamento básico. Entenderemos melhor, mais para frente, como isso funciona. Não pretendo aprofundar Horowitz porque, o que este escreve em seu livro, Saul Alinsky executa na prática, e é vermos diretamente a implementação.

2º Princípio

Política é uma guerra que é conduzida por outros meios. Quando expor suas ideias, não use palavras e argumentos difíceis, apenas taxe o inimigo de ser inimigo

Ou você é amigo ou é inimigo. Você é amigo e seu

3º Princípio	<p>oponente é inimigo. Observação: parecer crítico e egoísta demais pode ser ameaçador.</p>
4º Princípio	<p>O agressor geralmente prevalece. Quem acredita, agride. Horowitz acrescenta: cuidado, entre o extremismo e o centro, tendem a preferir o centro.</p>
5º Princípio	<p>Política é guerra de oposição. Posição é definida por medo e esperança. Você tem que fazer seu público ter medo do oponente e esperança em você.</p>
6º Princípio	<p>Os símbolos e frases de impacto determinam o voto. Estes são os que atingem as pessoas antes que tenham tempo de pensar e são os que serão lembrados. Frases são mais importantes do que discursos.</p>
7º Princípio	<p>A vitória tem que parecer do lado do povo. Horowitz sempre dizia que, na campanha, não se devia dizer “se nós ganharmos, ...” , mas sim “se o povo ganhar, ...”, “Se nós implementarmos as mudanças que nós precisamos, ...”. Nunca falar em causa do partido ou em causa própria. Sempre a vitória sendo do povo.</p>
8º Princípio	<p>Crie e aplique exaustivamente os rótulos. Horowitz afirma que os rótulos servem justamente para serem colocados nas pessoas e reforçados com o tempo, porque são importantes na estratégia política, pois o acusador não vai ter tempo de argumentar.</p>
9º Princípio	<p>Divida todo mundo em minorias que seu oponente não possa defender sem quebrar a base dele. Por exemplo: digamos que o oponente tem 50% dos votos e você precisa ganhar dele. Você coopta os outros 50% e quebra os 50% da base do adversário em minorias. Se o oponente é um liberal, que não vai legislar em detrimento da boa comunidade, que defende a inexistência de intervenção estatal, você pode prometer que os garotos de blazer do colégio não vão poder sofrer <i>bullying</i>. O candidato liberal não pode defendê-los, caso contrário, estará legislando para uma minoria. Assim, é possível quebrar a base de apoio dele, roubando-lhe votos.</p>

10º Princípio	Se for falar de impostos, fale dos ricos. Nunca fale de impostos sem falar nos ricos. Nunca fale de imposto para população. Sempre fale: “nós temos que fazer os ricos pagarem a conta”. Nunca fale de aumento de impostos sem interligá-lo à distribuição de riqueza.
11º Princípio	Seja sempre a transformação.

Este décimo primeiro princípio está muito vinculado à mentalidade revolucionária e esteve presente em várias campanhas como “Change” do Al Gore; “Yes, We Can” do Obama; “Para o Brasil continuar mudando” da Dilma; “O Brasil sem medo de ser feliz” do Lula; “Não deixe que o medo trave a esperança” também do Lula. Esses são apenas alguns exemplos, mas há diversas campanhas que representam essa mudança. Além disso, eu trouxe exemplos, que veremos posteriormente, em que o Barack Obama cita frases do livro *ipsis litteris*, voluntariamente, em campanha.

Percebe-se como esses princípios estão atualmente na política, como essas ideias emplacaram.

QUEM É SAUL ALINSKY?

Saul Alinsky, um sujeito muito revolucionário, era filho de russos que imigraram para os Estados Unidos. Pouco conhecido, honrou seu lema de que “a revolução se faz escondida”.

Desde jovem até o final de sua vida, Alinsky teve, em Lênin, um ídolo. Estudou-o muito e o citou diversas vezes. Dotado de um senso de percepção muito acurado, Alinsky percebeu que a guerra política estava muito menos eficiente do que poderia ser, tendo trabalhado, ao longo de toda sua vida, para torná-la mais incendiária, intento no qual triunfou. Ademais, foi conselheiro de vários políticos nos Estados Unidos.

Antes de nos embrenharmos em seu trabalho, convém entendermos quem era e qual é a importância de sua biografia.

Ao procurarmos seu principal livro, “Regras para Radicais”, na Amazon, encontramos recomendações muito interessantes. Segundo o *The Economist*, “Ele não pode ser comprado. Ele não pode ser intimidado. E ele quebra todas as regras”.

O jornal Chicago Sun-Times declarou que “Alinsky aplica técnicas e ensinamentos para influenciar gerações e comunidades a trabalhar de forma organizada. Da igreja ao governo, todos colheram um pouco de seu aprendizado”.

Enquanto essas análises de jornais estão estampadas na página da Amazon, pessoas comuns ignoram quem é ele. Há, portanto, um *gap* de informação que não nos permitiu acessá-lo. Alinsky não é familiar apenas aos grandes jornais. Ele lecionou para, no mínimo, duas pessoas que todos conhecem: Hillary Clinton e Barack Obama. Barack Obama foi aluno na instituição de Saul Alinsky durante vinte anos. Um tempo que não pode ser desprezado. Além disso, Barack Obama, para aqueles que não sabem, um advogado, foi advogado de defesa do maior escândalo de corrupção envolvendo ONGs da história dos Estados Unidos, referente a uma ONG de Saul Alinsky. Hillary Clinton, por sua vez, além de conhecê-lo pessoalmente, fez sua tese de mestrado acerca do trabalho de Saul Alinsky. Isso demonstra como esses políticos são influenciados por suas ideias. E nós vamos entender por que as ONGs, Saul Alinsky, David Horowitz e tudo que vimos na aula “Ideologia Política - as diferentes correntes”, são a mesma coisa.

Saul Alinsky era um revolucionário que ficava muito incomodado com a questão de ser tudo teoria, de os revolucionários ficarem lendo e querendo que a revolução acontecesse no mundo das ideias. Ele criticava as falhas e o fato de o ser humano não parecer disposto a tocar fogo no sistema.

Conforme contou em uma entrevista para uma edição da *Playboy*, na década de 1930, ele foi apresentado ao Al Capone. Al Capone era um mafioso dos Estados Unidos, líder de uma facção criminosa que governava o mercado informal de álcool, o mercado negro, durante a Lei Seca, a qual proibia a comercialização de álcool. Estima-se que eles faturaram, em valores atualizado, cerca de um bilhão de dólares naquele período.

Saul Alinsky ainda era estudante quando conheceu Frank Nitti, *The Enforcer*, o executor¹, o qual se tornou, segundo Alinsky, um grande professor e mestre para ele. Na edição da *Playboy*, está escrito: “Frank Nitti me abriu os olhos para a vida como ela é”. Ao observar o funcionamento da máfia, Alinsky entendeu algo que disse o resto da vida que nunca ia esquecer: não interessa em nada a lei. Ele presenciou

¹ Para quem assistiu ao filme “Os Intocáveis” de Brian de Palma, Frank Nitti é o homem que mata o Sean Connery.

Al Capone comendo nos melhores restaurantes da cidade, negociando com os deputados, governando o crime, mandando assassinar pessoas. E, o pior, é que a população americana não tinha muita raiva dele, pois ele fornecia às pessoas o uísque que elas queriam tomar. Saul Alinsky percebeu que havia algo que fazia aquela dinâmica social ser diferente. E esse aprendizado da máfia, levou consigo.

Uma vez que sabemos minimamente quem ele foi, agora podemos focar nossa atenção em como ele resolveu fazer as coisas.

Dois episódios fundamentais

Saul Alinsky começou no movimento revolucionário e há alguns momentos de sua vida que são importantes.

O primeiro deles aconteceu quando estava reunindo com um grupo de militantes que haviam decidido fazer uma manifestação contra o Bush pai. Ele estava no meio do movimento como apenas mais um zé ninguém da militância e as pessoas estavam discutindo sobre posições ações. Os militantes estavam sugerindo acusar o Bush pai de ser assassino e de apoiar racistas. Saul Alinsky rispidamente afirmou que eles não sabiam o que estavam fazendo e lhes deu um sermão que engendrou bastante indisposição no partido. Alinsky, então, compartilhou sua ideia: vestir alguns indivíduos com roupas da Ku Klux Klan (KKK), movimento mais racista da história dos EUA, para que, em determinado momento, no meio da manifestação, declarassem apoio ao Bush. Para ele, isso seria muito mais eficiente do que um protesto de oposição. Além disso, propôs que ligassem para jornalistas, para que cobrissem a manifestação, a fim de infiltrar, na mídia, a narrativa de que a KKK apoiava o Bush. Como a investigação para descobrir se eram ou não membros da KKK e reportar a notícia real demora muito tempo, a notícia falsa já estaria disseminada. Mais: com o desespero dos jornalistas por vender notícias, replicariam o acontecido mais rápido do que a verdade iria chegar.

É preciso ressaltar, e levar em consideração, que Saul Alinsky teve toda essa sagacidade no início de sua carreira, quando ainda não tinha feito praticamente nada.

Sua estratégia é adotada e suas previsões se confirmam. E é “engraçado” que o Bush teve uma queda imensa de popularidade e foi acusado por ser racista e por ter apoiadores da KKK. Pode ser que Bush e a KKK tivessem uma relação, mas não há nenhuma relação com esse fato. No entanto, há dossiês sobre essa vinculação e

a prova é justamente esse momento em que dois membros, supostamente do alto escalão da KKK, apoiaram-no em uma manifestação fechada.

O segundo momento fundamental da vida de Saul Alinsky aconteceu quando estava com seus amigos protestando na frente do Congresso. Todos eram meio ripongas, barbudos, e estavam gritando “Chega de ditadura!”, “Chega de capitalismo!”. Ele mesmo contou que percebeu que isso jamais daria certo. Como a sociedade ouviria o desejo daqueles ripongas, barbudos? Eles estavam contando para a população que queriam um regime socialista. Alinsky compreendeu que eles deveriam estar dentro do Congresso, com os democratas, vestindo terno e gravata, sugestionando ideias. Eles estavam sendo idiotas de compartilharem com a população que queriam mudar todo o sistema, com o qual todos já estavam acostumados. Além disso, Alinsky captou que se questionasse às pessoas qual sua maior dor, ninguém iria responder que era viver em um regime capitalista e o desejo de mudar para um regime socialista. As pessoas apontavam pontos específicos.

Assim, começou a maturar seu pensamento. Primeiro, constatou que a máfia era uma organização forte dentro da sociedade. Depois, que as pessoas tinham problemas específicos e a militância estava lutando pela implementação de um regime socialista. Ainda, que as pessoas não entendiam nada daquilo que ele havia lido no David Horowitz, sobre o *frame* que deveria ser jogado nas pessoas, o enquadramento, o rótulo que ele tinha que colar nas pessoas para que fosse entendido como queria.

Sociedade Dividida

Alinsky juntou todas essas informações em um livro, em que, na abertura, revela que vai implementar tudo aquilo que está escrito. É preciso lembrar que Alinsky compartilha da ideologia marxista e que sua diferença é apresentar um método muito mais pragmático de fazer as coisas. Por isso, em “Regras para radicais”, tal como Marx dividiu todo mundo, Alinsky dividiu a sociedade em três pilares: os que não têm poder; os que têm um pouco de poder (a classe problemática); os que têm poder.

Segundo Alinsky, os que não têm poder, por não terem nada, são facilmente cooptados pelo movimento comunista. É o caso do mendigo, do proletário de mais baixo tipo. Esses homens já estão ligados ao movimento, em sua maioria. Os que têm poder nunca serão socialistas, porque o objetivo do movimento é justamente decapitá-los. Os que têm algum poder, os problemáticos, são os piores. São os

indivíduos da classe média, que enxergam a possibilidade de ganhar poder. A classe média, para ele, é o problema, pois não acredita na história do movimento comunista. A classe média não tinha nada, veio do barro, ganhou um pouco de poder e tem consciência que pode expandi-lo, uma vez que consegue se eleger, consegue ter uma empresa, consegue publicar ideias, ser intelectual, etc.. Os homens da classe média não acreditam na tese de que os homens que têm poder oprimem todo mundo. Por isso, Alinsky chega à conclusão de que é para a classe média que o movimento precisa trabalhar, porque, historicamente, foram os homens da classe média que definiram tudo. Com base nesse pensamento, ele elabora três pilares para trabalhar a política na classe média.

A partir de agora, vocês vão entender que temos que trabalhar muito para nos livrarmos desse pensamento, porque, como o próprio Saul Alinsky debocha, se isso aqui der certo, eu quero ver vocês explicarem que isso aqui está acontecendo.

A filosofia de Saul Alinsky está assentada em três pilares: desinformação, nihilismo político e destruição do ponto.

A desinformação

A tese da desinformação é bastante simples: caso o candidato conte ao eleitor a totalidade dos planos que pretende implementar, talvez não goze de apoio popular. Por isso, não é obrigação do candidato e este não deve contar todos os seus planos. O candidato deve contar tudo que fará, neste exato momento, para que o eleitor vote nele. O que está em discussão é o voto e, para Alinsky, “quem discute proposta não discute voto”. Ele corrobora Horowitz e afirma que o voto é emocional, é de campo, é posição, é esperança, é medo. Por isso, o candidato precisa contar exclusivamente uma parte do seu plano, precisamente o percentual que faz com que as pessoas o apoiem. Ele não deve compartilhar mais do que isso. Neste contexto, estão inseridos os vários cases da regra de ser sempre a mudança. Por exemplo: o Lula, com certeza, não conta para os eleitores o projeto desenhado no Foro de São Paulo de constituir um continente totalmente socialista. Mas é isso que duzentos partidos, maior organização da história da América Latina, têm escrito, lavrado e assinado. Na campanha, Lula não compartilha que pretende comprar o empresariado, usar dinheiro ilegal para aprovar legislação a fim de aumentar o socialismo e, com isso, financiar outras ditaduras parceiras na América do Sul. Ele não comenta que, com isso, pretende fortalecer o Mercosul, ideologizando-o, e formando uma espécie de

continente revolucionário. Mesmo que colocasse em palavras bonitas, essas propostas não seriam aprovadas. Por isso, Lula fala somente de dar bolsa família. Na desinformação, Alinsky argumenta que é preciso abrir as portas da mudança, uma vez que a revolução é um processo constante de abrir as portas. Primeiro, é preciso abrir uma porta da mudança. Depois, está-se em um novo corredor, em que é preciso abrir mais uma porta para mudança. É com esta ideia que ele trabalha.

O niilismo político

O segundo pilar é o niilismo político e é inacreditável, não só que o professor da Hillary Clinton e do Barack Obama tenha defendido essa ideia para eles, como o fato de ambos terem escrito tese de mestrado acerca delas. O niilismo é uma filosofia fundada por Nietzsche, para quem os valores eram bengalas metafísicas para nós nos orientarmos no mundo. O niilismo é a falta de valores, é o relativismo, é viver pelos próprios valores. Por niilismo político quer-se expressar a necessidade de dispensar a moral no campo da disputa política. Alinsky ficava incrédulo com pessoas que achavam que precisam ter alguma moral para serem políticas. Para Alinsky, a vantagem de não ter nenhuma moral era evidente. Para ele, se, em uma disputa, um indivíduo não tivesse moral e outro tivesse, esse último iria perder, por a moral ser o que chama de limitadores. Ou seja, o indivíduo terá limites no que pode falar, fazer, prometer, enquanto uma pessoa sem moral não tem quaisquer freios. Vai além e afirma que se um candidato não for niilista político e seu adversário for, o candidato irá perder. Por outro lado, se o candidato for niilista político e seu adversário não for, o candidato ganha a disputa. Com esse cálculo pragmático, Alinsky decide a questão. Afinal, se quer ou não implementar a revolução? Neste ponto, ele escreveu uma frase que foi citada na íntegra por Barack Obama durante sua campanha: “Nós não devemos olhar o mundo como gostaríamos, mas como ele é. E, dessa forma, usar o que ele tem, para fazer dele o que gostaríamos”. O Barack Obama não mencionou, entretanto, que no restante do capítulo, Alinsky que não é preciso ter moralidade, pois o mundo é corrupto, o sistema capitalista é opressor e os donos dos meios de produção estão roubando o trabalhador. Para ele, a ética é uma fundação dos protestantes, dos católicos, dos moralistas e da elite. Para ter uma noção de como os revolucionários percebem os clássicos, Alinsky brinca que, para ele, Platão e Aristóteles são dois homens da elite e que da plebe, não ouviu falar, porque não sabiam escrever e não deixaram nada. Alinsky rompe com tudo que entendemos por

verdade ou mentira, por valores ou não valores. O problema é que possui base filosófica para tanto. Isso é o pilar do pensamento revolucionário que vimos na aula “Ideologias Políticas - as diferentes correntes”. As premissas foram sendo desdobradas em suas últimas consequências, e chegaram a esse ponto, porque não teriam outro no qual chegar. O ódio ao passado trouxe essa percepção de que a ética é uma fundação da elite. Para Alinsky, é preciso utilizar tudo que está ao alcance na hora de fazer a revolução. Nesse mesmo capítulo, ele escreveu algo extremamente simbólico se queremos identificar seus limites: “Se a União Soviética tivesse dado certo, tudo que fizeram teria valido a pena”, pois teriam construído o mundo ideal e todas aquelas mortes seriam apenas um preço a pagar para viabilizar o mundo que queriam.

A destruição do Oponente

O último pilar é a destruição do oponente. Neste, consta a seguinte citação do livro de Lênin: “Na política, o argumento não serve para derrotar o oponente, serve para aniquilá-lo da face da terra”. Como podemos observar, Lênin não era um homem muito moderado, mas essa frase explicita exatamente a lógica desse pilar. Alinsky já afirmou que não é preciso ser moral, que é preciso se orgulhar de ser mentiroso e trapaceiro. Ele também explicou que não se deve ter regra nenhuma com a verdade. Do mesmo modo, na hora de falar sobre o oponente, não interessa a verdade. É preciso acusá-lo de tudo, sem quaisquer escrúpulos. Isso força o oponente a perder tempo se justificando, sem nenhum ganho, porque a acusação foi feita. Ele explicita o *frame*. Então, se o oponente não roubou, nunca roubou, todo mundo sabe que ele não roubou, é um homem honesto, isso não importa, não interessa, é preciso acusá-lo e afirmar que ele está envolvido e protagonizou grandes escândalos de corrupção. O oponente pode se defender e dizer que nunca foi acusado. Entretanto, isso é o que todos afirmam. Assim, o oponente foi igualado a todo nível de corrupção que existe. Pode acusar de ser racista, homofóbico, fascista, qualquer acusação, porque o oponente vai usar seu tempo para se justificar infrutiferamente. Para Alinsky, quanto pior a acusação que conseguir pensar, melhor.

Da teoria à prática

Alinsky se questiona como transportar essa teoria para prática. Suas proposições, no livro, são inteligentes, e ele acreditava nelas, mas tinha consciência

de que as pessoas não o leriam fazendo com que, repentinamente, os democratas melhorassem seu desempenho. Para procurar uma forma de implementar suas ideias, questiona-se: qual é a brecha na democracia? Observem o problema filosófico que o estava atormentando. Ele tentou entender como as coisas acontecem em um regime democrático e teve um raciocínio que, para mim, é antiético, mas muito inteligente. Alinsky identificou que, quando determinadas pessoas acordam uma fé em comum, valores religiosos em comum, e querem propagar essas ideias, organizam-se e fazem disto uma igreja. Percebeu que, quando as pessoas acordam que querem alguns benefícios capitalistas, relativamente em comum, reúnem-se e fazem disso uma empresa. Além disso, quando certas pessoas querem pegar o poder para aplicar determinadas ideias políticas, reúnem-se e fazem disso um partido. Desta forma, apesar de serem uma minoria, estão impondo sua vontade. Alinsky se pergunta como eles estão conseguindo impor sua vontade: como eles estão impondo uma igreja? Como eles estão impondo uma empresa? Como eles estão impondo o crescimento de um partido? Como eles conseguem? Porque, no começo, igreja, empresa e partido eram apenas ideias. Alinsky pensa, pensa, pensa, e chega a conclusão de que o que importa são as organizações. Ele se lembra de Al Capone. Ele se dá conta que uma organização não precisa ser nenhum desses tipos que conhecemos e cria algo incrível chamado Organização Não Governamental (ONG). A ideia da ONG é ser o governo paralelo.

Alinsky reúne tudo o que aprendeu e defendeu e colocar em prática. Ele afirma que “o papel de um organizador da comunidade é o papel de identificar o autointeresse das pessoas em comum, mobilizá-las em busca desse autointeresse e concentrar o poder desse grupo”. Para ele, nada dura para defender um ideal. O ser humano não é feito para defender ideal, o ser humano é feito para defender autointeresse. Então, é preciso identificar o que as pessoas vão ganhar. Digamos, por exemplo, que a Pietra tem uma empresa de siderurgia e quer isenção fiscal para o aço. Essa é a pauta da Pietra, uma vez que, se houver isenção do aço, ela fica rica. O organizador da comunidade deve agrupar a Pietra e outras pessoas que também têm empresa de siderurgia, autointeressadas, porque vão lutar por sua causa como ninguém e o organizador da comunidade é que vai propor a solução. O organizador da ONG, lobista desse grupo, vai deter o poder político de *lobby*, um bloco de votos, de militância, de organização, de recursos, etc., vai ser detentor daquele poder.

Neste ponto, tem início o trabalho de Saul Alinsky, o qual marca a segunda fase de sua vida, em que coloca suas ideias em prática.

Ele fundou 44 ONGs, sendo algumas destinadas a formar fundadores de ONGs, precisamente nestas estudaram Hillary e Obama. Nesta lógica, fundou não 44, mas sim cinco mil ONGs.

Como era muito *low profile*, Alinsky não tinha muita visibilidade midiática. No entanto, nesta época, concedeu uma entrevista, na qual proferiu uma frase que se expandiu, foi publicizada pela mídia e ficou relativamente famosa. O entrevistador lhe perguntou qual era o objetivo da ONG e ele, talvez levado pelo momento, respondeu: “o problema nunca é o problema. O problema é sempre a revolução”.

Alinsky também ensinou seus pupilos a procurarem conflitos para abraçar e, assim, incorporarem, na solução, todos os demais pontos objetivados. Digamos que, por exemplo, uma mulher tenha apanhado do seu marido. É legítimo buscar corrigir esse problema, porque, de fato, as mulheres não devem apanhar do marido. O que o revolucionário deve fazer é unir as mulheres que apanham do marido, no nosso caso hipotético, cerca de duas mil, agrupá-las, defendê-las e fazer do seu problema uma pauta. Mas, conforme dizia Saul Alinsky, o problema nunca é o problema, o problema é sempre a revolução. Por isso, com a suposta pretensão de corrigir o problema, o revolucionário promove uma manifestação com essas duas mil mulheres. Feita a manifestação, procura um deputado para oferecer esses dois mil votos em troca de dinheiro e da aprovação de uma lei para a causa das mulheres que apanham. O revolucionário compartilha, na ONG, que recebeu o dinheiro, que está tudo encaminhado para aprovar uma lei a favor da causa, mas que, para isso, é importante que a proposta legislativa tenha eco na sociedade, caso contrário, o deputado não irá aprová-la. Para a proposta ganhar eco, é importante a militância. O problema original era apanhar do marido, mas, nos cartazes da manifestação, está escrito “homem opressor”. Alinsky entende que as pessoas são autointeressadas, que querem resolver o próprio problema, portanto, é preciso pregar e fazer crer que a solução do problema é a mesma coisa que a revolução. Assim, ocorre o alinhamento de ideias. Além disso, quanto mais divididos forem os grupos, melhor.

É válido mencionar que essa estratégia foi aperfeiçoada por um argentino chamado Ernesto Laclau, em seu livro “Hegemonia socialista e dominação cultural”. Neste, propõe sua ideia de que não é mais preciso que essas pessoas existam. É mais fácil fazer a propaganda de uma causa que ainda não existe a fim de que as

próprias pessoas se identifiquem. Depois de estas se manifestarem, basta reuni-las e pronto, tem-se um grupo. Por exemplo: o revolucionário está participando de um programa na televisão e fala a favor da suposta causa dos aposentados que não tem casa própria e moram no interior. Anuncia o dia, horário e local em que esses aposentados estarão reunidos. Os telespectadores que se reconhecem comparecem. Deste modo, afirma Ernesto Laclau, a propaganda do partido cria a classe que, em seguida, ele vai representar. Há, portanto, o aperfeiçoamento da estratégia de Alinsky e das múltiplas divisões.

O título do capítulo quatro do Congresso Brasil Paralelo, inclusive, é “Dividindo para conquistar o poder”, em referência a essa divisão das pessoas em vários pequenos grupos. Com esses grupos constituídos, é possível pleitear voto, *lobby*, poder e dinheiro. Ou seja, o revolucionário detém um poder que antes era inviável. Ademais, nenhuma dessas pessoas percebe que está fazendo política. Todas acreditam que estão melhorando a sociedade.

Outra pauta possível é a da homossexualidade, de *gays* que apanham. Digamos quem um primeiro gay apanhou devido à homofobia. Outro, apanhou porque foi assaltado. Um terceiro, porque brigou com o namorado, também *gay*. O revolucionário anula essas diferenças e agrupa-os todos em uma mesma pauta: *gays* que apanham.

O Olavo de Carvalho ironiza o livro do MST em que está escrito que o campo, no Brasil, apresenta uma violência horrorosa. Só que, ao olhar os gráficos, constam cerca de 36 mortes no campo sendo que, no país, há 60 mil mortes por ano. Ou seja, o campo é o lugar mais pacífico para morar. Não interessa. Aglutina-se as pessoas e faz-se disso um problema.

Como todo esse movimento, a ONGs está pleiteando a regulamentação. Uma vez que tenha uma causa, o revolucionário pode apresentá-la a um deputado para fazer o *lobby* político. Com o *lobby*, começa a receber dinheiro. E esse é um detalhe importante de esclarecer. As pessoas acham que, por se chamar Organização Não Governamental, não há dinheiro do governo. Isso está errado. Há muito dinheiro do governo. Muito mesmo. O nome Organização Não Governamental deve-se ao fato de não ser feita por agentes do governo, mas sim por lobistas e outros tipos de pessoas, que pleiteiam a legislação de suas causas.

Voltemos ao nosso exemplo em relação à mulher que apanha do marido. Digamos que a regulamentação pleiteada seja um agravante de nove anos para os

casos em que homens agredem mulheres. Esta, no entanto, é apenas a primeira etapa da legislação. Como falamos no início da aula, é preciso constantemente abrir portas para a mudança. Em um segundo momento, após aprovada essa primeira regulamentação, a reivindicação é aprovar uma legislação que multe homens que gritem com mulheres. Esta é uma nova porta. Aprovada essa mudança, parte-se para uma terceira: tornar os homens passíveis de prisão caso gritem com mulheres.

Obviamente, todo mundo aqui é contra o estupro. Não há nenhuma dúvida sobre isso. Mas existe uma brecha na lei, a qual impede que a mulher possa ser questionada, mesmo que não tenha corpo delito. Isso quebra toda premissa de um direito sustentável e estabelece uma jurisprudência muito perigosa a médio prazo. As legislações que são aprovadas dessa forma ainda passam a ser referência. Por isso, com frequência, as notícias acerca de leis igualitárias implementadas na Finlândia.

Atualmente, há o marco civil regulatório das ONGs no Brasil. Iremos abordar esse tema com maior profundidade em breve, mas um pequeno *spoiler*: há duzentas mil ONGs no Brasil. E, durante seu governo, Lula realizou um repasse de quinze bilhões para as ONGs. Pior: sem necessidade de prestação de contas. Somente em 2017 entrou em vigor uma medida de prestação de contas contra as ONGs. Fizemos uma pesquisa sobre as ONGs que receberam esse dinheiro, e são todas militantes, não tem nada que não seja político. No início da história da Brasil Paralelo, tinha um caso que era sempre muito emblemático. Aqui em Porto Alegre, uma cidade sem mar, o Pedro Loss é diretor da ONG em defesa de animais marinhos. Além de defender animais marinhos, Pedro Loss, nas horas vagas, também é militante esquerda e jornalista. O Pedro Loss recebe dinheiro para defender os animais marinhos a fim de fazer coisas fantásticas como, na audiência de revitalização do Cais Mauá e na greve dos Correios, levar, de van, militância vestidas com camisetas da causa, etc.. Afinal, é muito importante para os animais marinhos que isso aconteça.

Novamente, como diz Saul Alinsky, o problema nunca é o problema, o problema é sempre a revolução. Há aspectos que tornam esse cenário ainda pior. Primeiro: as ONGs são legais. Suas atividades não constituem suborno. Segundo: normalmente, quando um deputado repassa dinheiro para ONGs, é aplaudido pela sociedade. Imaginem o cidadão comum, em casa, que está assistindo televisão. No jornal, é noticiado que o deputado X aprovou cinquenta mil reais para uma ONG que defende as mulheres da agressão de maridos. A legislação será votada na próxima

semana. O cidadão, que não está consciente do esquema corrupto, percebe o deputado X como uma boa pessoa. O deputado X ganha aplauso pela defesa social.

Outra frase do Saul Alinsky: “quanto mais seccionadas forem as ONGs, e menor a pauta e o problema, melhor será, porque ninguém vai se opor a causas tão específicas que querem a melhoria da sociedade”. Ou seja, quanto menor for o problema que está sendo atacado, melhor, pois não haverá inimigos para a causa, ninguém vai protestar contra ela.

No capítulo quatro, também exploramos uma ONG de mulheres afrografiteiras (mulheres, negras, que fazem grafite) que recebia em torno de trezentos mil reais por ano. Esse dinheiro era usado para ações muito úteis como abrir um site em que se propaga a ideia de que o capitalismo é um sistema opressor, contra o qual elas lutam.

Com essa estratégia, são criados pequenos grupos de poder e uma estrutura realmente perigosa.

As frases de Saul Alinsky

Antes de partirmos para análise de como isso acontece no Brasil, gostaria de citar algumas proposições do livro “Regras para Radicais” do Saul Alinsky.

“A moralidade dos meios depende do quanto está em jogo a derrota iminente ou a vitória iminente.” Ou seja, se retirar a moral do jogo lhe trará uma vitória certa, não tenha dúvida do que fazer. Do mesmo modo, caso não retirar a moral do jogo ocasionará a perda, também não tenha dúvida: esqueça a moral.

“Você deve utilizar o que você tem em mãos e adorná-lo com tons de moralidade”. Ou seja, se o possível é juntar mulheres contra homens para ganhar votos, faça. Use o que for possível para formar um grupo e conquistar votos. Afinal, precisa-se jogar com o que se tem, não com o que se quer.

“A preocupação com a ética é inversamente proporcional aos recursos disponíveis ou ao interesse em jogo. Isto significa que quão menores forem os recursos disponíveis ao radical, e maior o seu interesse, mais lícita será considerada uma menor aderência a princípios éticos.”

“A defesa do herói e do traidor depende do sucesso atingido por cada um”. Em política, observamos isso com frequência. No Teatro das Tesouras, há o caso do Brizola exposto. No primeiro turno, Brizola acusou o Lula de ser a espuma da história, um lixo, um homem sem experiência. No segundo turno, fora da disputa eleitoral, Brizola passou a defender Lula como o homem mais preparado para governar o país.

“Ridicularize os providos. Isto é, ria deles o tempo todo. Ria dos hábitos. Ria das ideias. Ria das propostas, ria de tudo, porque nada é mais forte no ser humano que a inveja”.

Na primeira página do livro, há a seguinte dedicatória para Lúcifer que, de acordo com Alinsky, é o primeiro revolucionário da história: “Não devemos nos esquecer de olhar ao passado para dar crédito ao primeiro radical revolucionário de todos, de todas as lendas, mitologias e história, o primeiro radical conhecido pelo homem que se rebelou contra o sistema estabelecido e fez tão eficazmente que pelo menos ganhou seu próprio reino foi Lúcifer.”

Alinsky fornece uma instrução sobre como interpretar determinados aspectos, utilizando o que funciona, não interessa o porquê:

“O único motivo para haver desprovidos é a existência dos providos”. “Impeça a capacidade dos providos acessar o poder”.

“A moralidade se torna mais elástica quando se está à beira da derrota.”

“Não há tons de cinza numa guerra. O inimigo é sempre o mal absoluto.”

Ele ainda apresenta sua visão de ética e de antiética:

“O que é visto por você como ético é visto como antiético pelo inimigo. O que é visto como antiético pelo inimigo é visto como ético por você”.

Para determinar as pautas boas para sociedade, afirma: “o que o inimigo defende, tu não defendes. O que tu defendes, o teu inimigo não defende. E saiba que isso vai acontecer em parêntese”.

A MANIFESTAÇÃO DE ALINSKY NO BRASIL

Esse é um mapa que fizemos para o capítulo 4 do Congresso Brasil Paralelo, mencionado anteriormente, para entender mais facilmente a questão do aparelhamento estatal e de como ele aconteceu.

IMAGEM

O Estado nada mais é do que uma estrutura jurídica. Há uma variedade de poderes concentrados, que são usados para governar e para implementar a ideia do governante, sua visão de mundo, pervertendo os propósitos pelos quais tais poderes surgiram. O Estado deixa de ser utilizado para defender o império da lei, o Estado de Direito, e todo seu mecanismo jurídico é usado para servir ao governante, a seu partido e a suas ideias. Isso é o aparelhamento estatal.

Essa tese é muito debatida e, com frequência, entendem-na como teoria da conspiração. A descrença no aparelhamento do estatal normalmente se manifesta em frases como “Vocês acham mesmo que o STF vai se comprometer e se vender?”, “Você acham que as urnas vão ser fraudadas?”, “Vocês acham que todos os artistas estão comprometidos?”. A intenção desse mapa e de alguns números que serão apresentados é realizar uma averiguação, um raio x, a fim de detectar e entender o que acontece nesse período de governo no Brasil.

Socialismo: uma questão atual?

No topo desse mapa, está a Internacional Socialista. Existente desde Karl Marx, a Internacional Socialista foi sendo adaptada ao longo do tempo. Hoje, além de realizar congressos, é a entidade responsável pelo agenciamento de várias questões no mundo.

É importante lembrar que ainda hoje existe comunismo implementado no mundo. Não é algo que ficou para trás. A Coreia do Norte é um caso extremo acerca do qual eu recomendo qualquer documentário. Pode-se perceber, infelizmente, que 1984, um grande livro de ficção, concretizou-se na plenitude.

Outro ponto fundamental a ser esclarecido é a afirmação mentirosa que a Guerra Fria acabou. Por que os Estados Unidos não invadem a Coreia do Norte, uma vez que está desenvolvendo armas nucleares e constantemente testando ataques? Porque a China, outro país assumidamente comunista, protege-a. A Coreia do Norte só consegue se manter viva, conquanto o embargo econômico, porque a China não o observa. Um percentual significativo da escassa comida que circula na Coreia do Norte é provido pela China. Aliás, na década de 1990, houve a grande fome na Coreia do Norte, em que três milhões de pessoas, em um país com um total de vinte milhões de habitantes, morreram de fome, de inanição. Isso corresponde a mais de 10% da população. Apenas para rememorar: no país em que o comunismo foi excelsamente implementado. Diante desse quadro, estabeleceu-se um consenso de enviar comida para Coreia do Norte. Dentre os países que fornecem esse auxílio, está os Estados Unidos. Com essa medida, atualmente, cerca de 40% da população pode se alimentar de ração todos os dias. É profundamente triste que exista uma situação assim no mundo.

Portanto, a Internacional Socialista ainda existe e é muito forte.

Recordem-se que, proporcionalmente, a Coreia do Norte é o país mais militarizado do mundo. A China é o país com o maior exército do mundo e disputa, com os Estados Unidos, o maior investimento militar do mundo. Tendo em vista essas circunstâncias, a Guerra Fria não terminou. Houve somente uma mudança de termos.

O Foro de São Paulo, de que tanto falamos, é a representação, na América Latina, da Internacional Socialista. Cuba é a ilha socialista da América Latina. A Venezuela já ascendeu ao socialismo, mas está em um estágio de estabilização. O Foro de São Paulo foi fundado por Lula e Fidel Castro em 1990. Essa organização reúne duzentos partidos de esquerda, não existe nenhuma parecida em tamanho, e as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC), uma gangue de narcotraficantes, principal distribuidora de cocaína no continente. Há vídeos do Lula palestrando ao lado do presidente das FARC, no mesmo evento. O Foro de São Paulo sempre teve como meta ousada a infiltração nas instituições, ou seja, tomar o poder por meio de infiltração de espaços. Mas, como isso acontece na prática?

No mapa, agrupamos os poderes e as suas diferentes manifestações.

Os três poderes

Poder é a capacidade de fazer alguém obedecer. Esse é o jeito mais simples de explicar. Existem três formas de exercer poder em alguém: intelectual, financeiro e político-militar. Poder intelectual é convencer. O sujeito realiza uma ação porque foi convencido, não importa se através de conversa, música, argumentos. No poder financeiro, o sujeito é comprado, ou seja, realiza a ação pelo dinheiro. O poder político-militar é coerção. A lei, a estrutura, o imposto. Só existe poder político porque existe o poder militar, o poder de ferir o indivíduo caso não obedeça. Normalmente, não nos damos conta disso. Por exemplo: o governo cobra R\$15,00 de imposto e um sujeito decide que não vai pagar. Por isso, recebe uma multa. O sujeito decide não pagar a multa também. Recebe uma advertência. Caso não responda-a, é condenado à prisão. Se o sujeito decidir não abrir a porta para o policial, sua porta será arrombada. Se o sujeito não aceitar ir com o policial, este poderá matá-lo. Em último grau, é isso que acontece. Os indivíduos só pagam regularmente seus tributos e cumprem seus deveres, pelo menos no modelo vigente, porque existe o poder de colocar uma arma em nossa cabeça e atirar.

O poder intelectual

Essas são, portanto, as três maneiras de exercer o poder. O Foro de São Paulo entende que aparelhar as instituições é justamente exercer os três poderes, para que os corações e mentes das pessoas se tornem socialistas sem que percebam. O mais fundamental principia na educação. Por isso, o poder intelectual será nosso primeiro objeto de atenção.

O poder nasce no meio intelectual. O Partido dos Trabalhadores (PT) surgiu na Universidade de São Paulo (USP), instituição que, no Brasil, deu origem às ideias socialistas e à sua difusão. O aparelhamento nasce no ensino. A educação, no Brasil, é centralizada. Existe um ministério chamado Ministério da Educação, o MEC. Esse ministério determinado no Plano Nacional de Educação (PNE), o que os alunos vão aprender. Se uma escola não seguir as diretrizes do PNE, não pode ensinar. Ou seja, não é algo opcional. O MEC também tem o poder de filtrar os estudantes que estão realmente qualificados, por meio de uma prova chamada Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), a fim de certificar que os alunos receberam o ensino estipulado. O aparelhamento acontece quando esses intelectuais assumem o poder político, o ministério, e desenvolvem esse Plano Nacional de Educação². Paulo Freire, elevado a Patrono da Educação brasileira, em seus livros prega a utilização do ensino para “transformar o aluno em um hospedeiro da revolução”. O aluno é constrangido a receber essas ideias.

Para entender como isso funciona, vamos fingir que nenhuma ideologia existe, porque é assim que o aparelhamento acontece. Ele não conta com a concordância das ideologias. As pessoas não têm que concordar. As pessoas têm que ser: convencidas, compradas ou coagidas. O governo é o maior comprador de livros do Brasil. O mercado editorial, no Brasil, movimenta 15 bilhões de reais. Oito bilhões são pagos pelo governo em livros do MEC e este sugere alguns critérios para eleger quem são os mais ou menos comprados. O autor mais comprado pelo Ministério da Educação é Mário Furley Schmidt. Mário vendeu mais de dez milhões de exemplares para o Ministério da Educação, os quais estão sendo usados há anos para ensinar os alunos e que já educaram mais de 30 milhões de brasileiros. Provavelmente, nós

² Recomendo a aula “Desconstruindo Paulo Freire” do professor Thomas Giulliano, disponível na plataforma da Brasil Paralelo.

mesmos e os filhos de alguém que nos acompanha já entraram em contato com seu livro. Vamos mostrar alguns ensinamentos presentes no livro.

Abaixo, é uma caricatura do Lula, o super-herói da economia.



Além disso, temos uma explicação didática sobre as diferenças entre capitalismo e socialismo.



“De um lado, capitalismo, os operários trabalham para o dono da fábrica. Do outro, no socialismo, a fábrica pertence a toda sociedade, que trabalha para si mesma. De um lado, propriedade privada: terras minas, fábricas, bancos e empresas em geral pertencem à burguesia. Do outro, propriedade coletiva (socializada): o povo trabalhador é dono de tudo.”. É assim que socialismo e capitalismo são abordados.

De novo: Mário vendeu dez milhões de livros para o MEC. Foram pelo menos 30 milhões de estudantes ensinados com esse conteúdo, que deveriam responder isso na prova para serem aprovados.

Continua:

“No capitalismo, o objetivo são os lucros da burguesia. No socialismo, o objetivo é o bem-estar da sociedade. No capitalismo, as decisões são tomadas pela burguesia a partir da situação do mercado. No socialismo, as decisões são tomadas democraticamente pela sociedade, que planifica a economia.”.

Os exemplos falam por si sós. Vamos a outros. O texto abaixo versa sobre Cuba.

NOVA HISTÓRIA CRÍTICA ESINO MÉDIO - VOLUME ÚNICO, DE MARIO SCHMIDT. Pg. 807



CUBA SOCIALISTA

Cuba tornou-se o primeiro e único país **socialista** da América Latina. No que deu isso? Sem dúvida, os avanços sociais foram fantásticos. Na economia, porém, a pequena Cuba, que até hoje sofre bloqueio dos EUA, não se desenvolveu plenamente. O país ainda se baseia na produção de açúcar, tabaco e níquel, apesar dos esforços de mecanização do campo e de industrialização.



A renda *per capita* cubana é menor do que a do Brasil. Porém Cuba conseguiu ser o único país da América Latina sem favelas. Liquidou-se o analfabetismo e todas as crianças puderam ir à escola. As universidades são de bom nível. A mortalidade infantil tornou-se tão baixa quanto a dos países desenvolvidos. Foi eliminada a miséria. As pesquisas médicas cubanas levaram a importantes descobertas científicas. Existem poucas desigualdades sociais. Exemplo do avanço social de Cuba pôde ser visto nas Olimpíadas de Atenas de 2004, quando a pequena ilha teve tantas medalhas de ouro quanto a Grã-Bretanha e mais do que países de Primeiro Mundo como Suécia, Espanha e Áustria. Só um povo saudável e educado consegue tal proeza. O turista, entretanto, pode se decepcionar. Os bens de consumo são escassos, as lojas não têm brilho, nas ruas não há lindos cartazes publicitários, e as casas têm inegável aparência de abandono. Faltam muitos recursos e a vida diária é difícil. A juventude, que não conheceu os tempos antes da revolução, parece admirar os EUA muito mais do que o governo gostaria de admitir. Afinal, o fim da miséria justifica a carência dos bens de consumo?

Em Cuba todas as crianças têm garantido o ensino gratuito de qualidade. A ausência de lanchonetes com hambúrgueres de marca mundial parece não ter afetado a capacidade de aprendizagem.

15

Mário ensina que “Em Cuba, todas as crianças têm garantido o ensino gratuito de qualidade. A ausência de lanchonetes com hambúrgueres de marca mundial parece não ter afetado a capacidade de aprendizagem. Na economia, porém, a pequena Cuba, que até hoje sofre bloqueio dos Estados Unidos da América, não se desenvolveu plenamente. A renda *per capita* cubana é menor do que a do Brasil. Porém Cuba conseguiu ser o único país da América Latina sem favelas.”. Claro, é uma favela inteira.

Há outra informação crucial a respeito do autor: ele não tem qualquer formação em história. Mário é apenas um escritor que ganha 10% do valor dos livros vendidos. Uma vez que foram 10 milhões de exemplares, ficou multimilionário da noite para o dia.

A imagem abaixo se refere ao período anterior a 1917, ano da Revolução Russa.



O enviesamento do exemplo abaixo é tão absurdo que beira ao inacreditável. As imagens comparam a saúde disponível em Cuba e no Brasil, e sugerem reflexões críticas a serem feitas.

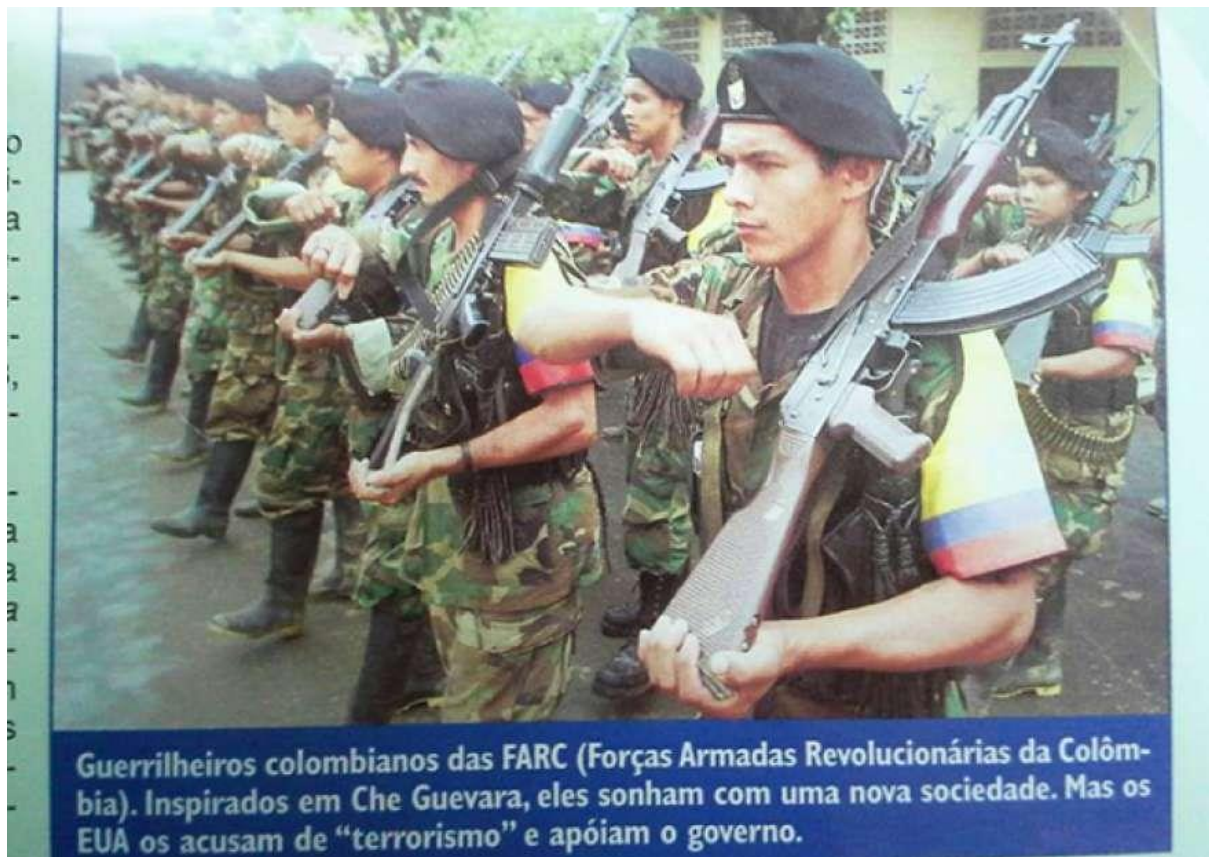


REFLEXÕES CRÍTICAS



À esquerda, consultório cubano. À direita, mulher brasileira tendo o filho na pia de um hospital público. Em Cuba, a assistência médica é gratuita e de bom nível. No Brasil, os hospitais públicos caem aos pedaços. Por que as diferenças?

1. Cuba é um país pobre que conseguiu bons resultados no campo da educação e da saúde. Por que o Brasil, que tem uma economia mais industrializada e uma renda *per capita* superior à cubana, ainda não alcançou esses resultados?
2. Cuba teria alcançado o mesmo nível de desenvolvimento social que tem hoje se fosse um país capitalista, aberto aos investimentos dos EUA?
3. Os EUA ainda hoje representam ameaça para a independência econômica de um país? Ainda é possível falar em "imperialismo ianque"? Ou nos tempos atuais, de globalização, os investimentos de empresas norte-americanas poderiam ser encarados como saudáveis parcerias?
4. O guerrilheiro Che Guevara foi o ídolo de uma geração de estudantes politizados nos anos 60 e 70. Seus ideais empolgam a maioria dos jovens de hoje? Qual o motivo? Quais os ideais da juventude atual, os seus e o de seus amigos?
5. Logo depois da Revolução Cubana, inúmeros comandantes do Exército e da Polícia do antigo ditador Fulgêncio Batista, conhecidos por suas ligações com a tortura de presos políticos, a corrupção e as ligações com a máfia, foram julgados por tribunais revolucionários e fuzilados. Na revolução nicaragüense, ao contrário, os oficiais somozistas desonestos e assassinos foram punidos apenas com alguns anos de cadeia. Você concorda que torturadores e assassinos de presos políticos sejam executados depois de uma revolução popular?



Na imagem acima, há um trecho que demonstra como as FARC é retratada. Além de ser responsável por distribuir 70% da cocaína do continente, as FARC importa, de um aliado chamado Rússia, a *Kalashnikov*, o fuzil AK-47, o qual transporta e comercializa ilegalmente. E o Mário Schmidt e o Ministério da Educação ensinam para as crianças que esses homens das FARC apenas querem liberdade.

Vamos ver como o neoliberalismo é trabalhado neste livro.

O neoliberalismo

Você já ouviu falar do neoliberalismo? Esta é uma palavra que aparece com muita frequência nos jornais e nas revistas, nas conversas. Os primeiros países a adotar o neoliberalismo foram os EUA, governados por Reagan (presidente de 1980 a 1988) e por George Bush (1988–1992) e o Reino Unido, governado pelos primeiros-ministros ingleses Margaret Thatcher (de 1979 a 1990) e John Major (1990–1997). A idéia básica do neoliberalismo, nós já vimos, é diminuir a participação do Estado na economia e conceder liberdade de manobra para os investidores capitalistas. As principais medidas e idéias adotadas pelos neoliberais são:

- **Privatização da economia.** As empresas estatais são vendidas para empresas particulares. A justificativa apresentada é: "No total, as empresas têm mais recursos para investir do que os governos. Além disso, os governos administram mal. As empresas privadas são mais modernas, mais eficientes, mais lucrativas e produzem com melhor qualidade".

- **Liberação do mercado.** É a "desregulamentação da economia", ou seja, são eliminadas todas as leis que atrapalham os investimentos e o comércio. Por exemplo, as taxas alfandegárias são diminuídas para que fique fácil importar. Os investidores do mercado financeiro têm plena liberdade para fazer seu capital entrar e sair do país a hora que bem entenderem. A globalização é bem-vinda.

- **Antinacionalismo.** A ajuda do governo às empresas nacionais é considerada prejudicial à economia do país porque "protege uma empresa ineficiente e impede que o capital estrangeiro, que traz progresso, possa se instalar".

- **Menos impostos.** Os banqueiros e empresários devem pagar menos impostos. O motivo é que "são os ricos que investem na economia. Se eles pagarem menos impostos terão mais capital disponível para investir e gerar empregos. Além disso, lucrão mais e os lucros são o grande propulsor da economia moderna".

- **Corte nos gastos públicos.** Os governos gastam dinheiro demais. Quando as dívidas se acumulam, os governos aumentam impostos e emitem papel-moeda, provocan-

A ética neoliberal

O neoliberalismo reativou as idéias do darwinismo social. A idéia básica é esta: "Quer gostemos ou não, o mundo é uma selva capitalista. Na sociedade do século XXI, só vencerá quem souber ser competitivo. Os melhores sobreviverão, os fracassados ficarão para trás. Por isso os governos não devem gastar dinheiro com assistência social nem devem melhorar a distribuição de renda. Afinal, tirar dos ricos para dar aos pobres não é premiar os fracassados e punir os competentes?"

E você, amigo leitor, concorda com essas idéias? Será que a eficiência deve ser o principal valor? A vida é mesmo uma selva?



Objetivo de vida: amar a si mesmo e consumir? Será esse o nosso futuro?

do a inflação e sufocando a economia. Além disso, os neoliberais consideram que existem direitos sociais exagerados, que só servem para onerar o Estado. Portanto, o governo deve gastar menos com saúde, educação, ajuda aos desempregados e aposentadorias.

- **Privatização dos serviços públicos.** O ideal é que o governo privatize a medicina e a educação. Assim, as pessoas que queiram médico devem pagar por um plano de saúde. As escolas e universidades serão todas particulares. A previdência social passa a ser um negócio entregue a bancos particulares: as pessoas pagam mensalmente e, quando tiverem idade avançada, terão direito à aposentadoria. Até os presídios podem ser privatizados: o governo pagaria para que uma empresa particular administrasse as prisões. A justificativa é: "Empresas privadas administram melhor. Gastam menos e oferecem melhores serviços. Os consumidores podem escolher".

- **Flexibilização do mercado de trabalho.** Para que a economia seja dinâmica, é preciso que os empresários tenham mais facilidade para contratar e demitir os empregados. Isso significa que as leis trabalhistas que "protegem demais os trabalhadores e premiam os ineficientes" devem ser eliminadas. Os sindicatos tentarão impedir a abolição de leis sociais. Essa é então uma das poucas fun-

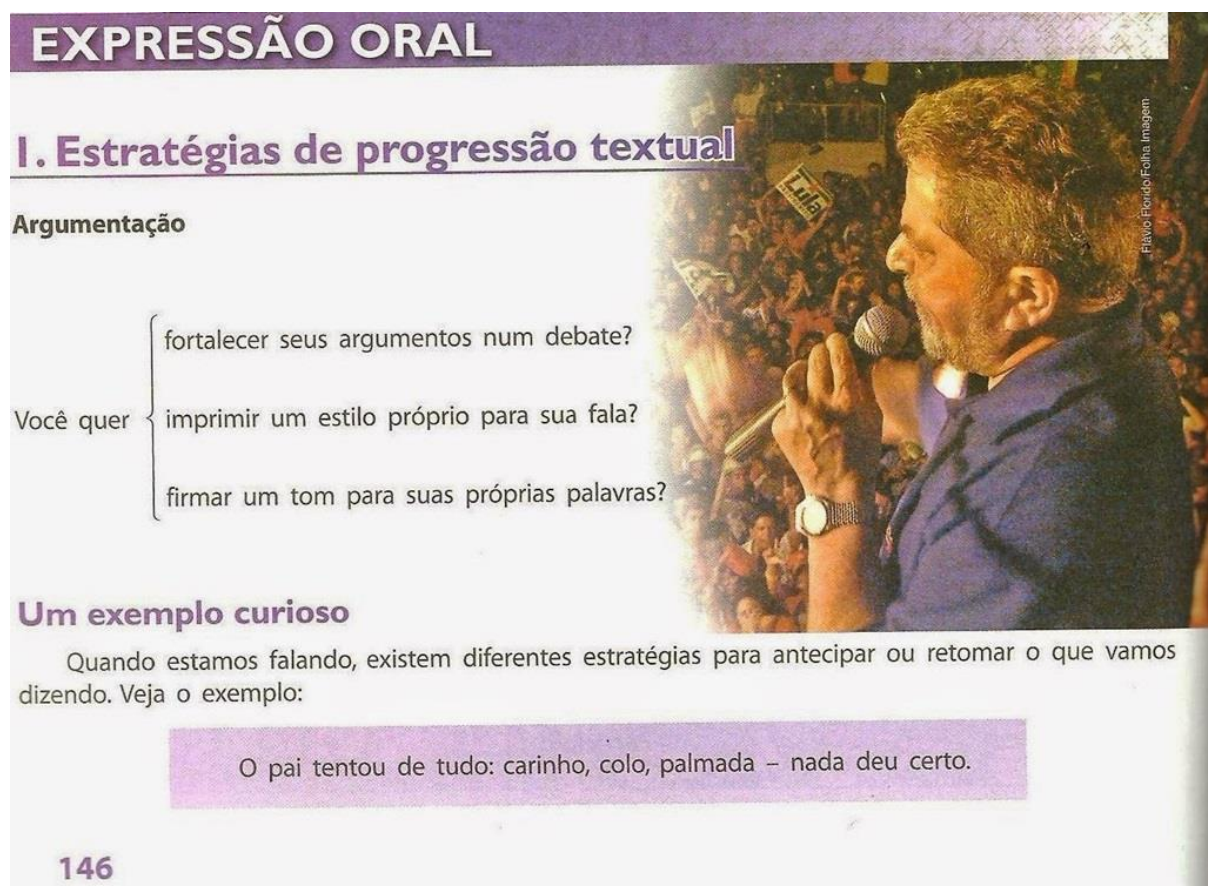
PÔ, AINDA BEM QUE MEU PAÍS NÃO É SOCIALISTA. SE FOSSE, EU NÃO SERIA LIVRE PARA COMPRAR AUTOMÓVEL IMPORTADO.



"Objetivo de vida: amar a si mesmo e consumir? Será esse o nosso futuro?". Observem como a ideia de liberalismo é apresentada no seguinte trecho: "quer gostemos ou não, o mundo é uma selva capitalista. Na sociedade do século XXI, só vencerá quem souber ser competitivo. Os melhores sobreviverão, os fracassados

ficarão para trás. Por isso, os governos não devem gastar dinheiro com assistência social nem devem melhorar a distribuição de renda. Afinal, tirar dos ricos para dar aos pobres não é premir os fracassados e punir os competentes?”. Essa é a apresentação que fazem do liberalismo. Eles chamaram isso de darwinismo social, como se fosse a teoria do mais apto.

Abaixo, está uma página do livro de português.



EXPRESSÃO ORAL

I. Estratégias de progressão textual

Argumentação

Você quer {

- fortalecer seus argumentos num debate?
- imprimir um estilo próprio para sua fala?
- firmar um tom para suas próprias palavras?

Um exemplo curioso

Quando estamos falando, existem diferentes estratégias para antecipar ou retomar o que vamos dizendo. Veja o exemplo:

O pai tentou de tudo: carinho, colo, palmada – nada deu certo.

146

Ao lado de uma foto do Lula discursando, há uma frase que preocupa quem entende um pouco de linguagem simbólica: “O pai tentou de tudo: carinho, colo, palmada - nada deu certo.”.

No livro de educação física, por mais incrível que pareça, a situação não é diferente. Trecho do livro: “Karl Marx e Friedrich Engels escreveram juntos vários estudos sobre o capitalismo. Eles entendiam que o capitalismo procurava, dentro da sua lógica, transformar tudo em mercadoria, fazendo da força de trabalho do operário um objeto de compra e venda. Mas, afinal, quem são Marx e Engels? Leia sobre eles nos *boxes* da página seguinte”. Do outro lá, está escrito o seguinte: “A burguesia, classe que passou a ter forte influência sobre as demais, utilizava da prática esportiva

como forma de normalizar e disciplinar seus próprios filhos.”. Ou seja, está-se fazendo teoria revolucionária no esporte. É muito forte.

Mais um exemplo:

O esporte escolar deve estar caracterizado como "Esporte Educação" e não como "Esporte na Escola". Do ponto de vista prático, o esporte não pode ser negado, mas sim utilizado de forma que desperte no aluno interesse e prazer e tenha uma intencionalidade educativa, nunca o jogo pelo próprio jogo. Você não acha mais interessante jogar "com" do que jogar "contra"? Obtenha mais informações sobre esta proposta no Folhas de jogos intitulado "Competir ou cooperar: eis a questão".

A prática esportiva deve propiciar a você uma compreensão mais ampla sobre as relações sociais, às quais, constantemente, somos submetidos. Para que, por meio do esporte, possamos entendê-las de forma mais crítica e autônoma, tornando-nos donos de nosso próprio entendimento.

PESQUISA

- Pesquise sobre o cenário político e econômico que envolvia o país no período que antecedeu a Copa de 1970, em que o Brasil tornou-se tri-campeão e se essa conquista sobre influência da política nacional.

E então? Você já é capaz de responder ao problema inicial: "Você faz uso do esporte ou é usado pelo esporte?"

Esporte como forma de afirmação do sistema capitalista

Karl Marx e Friedrich Engels escreveram juntos vários estudos sobre o capitalismo. Eles entendiam que o capitalismo procurava, dentro de sua lógica, transformar tudo em mercadoria, fazendo da força de trabalho do operário um objeto de compra e venda. Mas afinal, quem são Marx e Engels? Leia sobre eles no box da página seguinte.

Da perspectiva teórica desses pensadores, será que o atleta não transforma os seus movimentos em "mercadoria"?

Todas as relações de produção e consumo, inclusive a mercadorização do esporte e dos atletas, são facilitadas pelo uso de um instrumento de grande alcance em todo território nacional: a televisão. Na verdade, a televisão nada mais é do que um elemento essencial de socialização, isto é, "(...) uma espécie de adestramento pelo qual o jovem

Essa situação passou a ser questionada mais intensamente, no século XVIII, pelos filósofos franceses do movimento iluminista. Estes filósofos opunham-se ao poder absolutista do rei, à intervenção deste na economia, aos privilégios do clero e da nobreza e defendiam a igualdade jurídica, a separação dos poderes e a liberdade econômica. As ideias desses pensadores influenciaram as revoluções que levaram a burguesia a conquistar o poder político, como a Revolução Francesa, ao final do século XVIII, e a organização política contemporânea. Veja o que Jean-Jacques Rousseau pensava a respeito da desigualdade entre os homens:

Concibo na espécie humana duas espécies de desigualdade: uma que chamo de natural ou física, porque é estabelecida pela natureza, e que consiste na diferença das idades, da saúde, das forças do corpo e das qualidades do espírito, ou da alma; a outra, que se pode chamar de desigualdade moral ou política, porque depende de uma espécie de convenção, e que é estabelecida ou, pelo menos, autorizada pelo consentimento dos homens. Consiste esta nos diferentes privilégios de que gozam alguns com prejuízo dos outros, como ser mais ricos, mais honrados, mais poderosos do que os outros, ou mesmo fazerem-se obedecer por eles. Não se pode perguntar qual é a fonte da desigualdade natural, porque a resposta se encontraria enunciada na simples definição da palavra. Ainda menos se pode procurar se haverá alguma ligação essencial entre as duas desigualdades, pois isso equivaleria a perguntar, por outras palavras, se aqueles que mandam valem necessariamente mais do que os que obedecem, e se a força do corpo e do espírito, a sabedoria ou a virtude, se encontram sempre nos mesmos indivíduos em proporção do poder ou da riqueza: questão talvez boa para ser agitada entre escravos ouvidos por seus senhores, mas que não convém a homens razoáveis e livres, que buscam a verdade.

ROUSSEAU, J. J. Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade. 175.

A burguesia, classe que passou a ter forte influência sobre as demais, mais utilizava-se da prática esportiva como forma de normalizar e disciplinar seus próprios filhos, a fim de prepará-los para saber controlar as tensões sociais. Ao mesmo tempo em que essa classe social buscava conquistar o poder político, consolidava-se seu poder econômico por meio da Revolução Industrial.

No século XIX, com as reivindicações da classe operária para redução das jornadas de trabalho, os trabalhadores obtiveram acesso a um tempo destinado ao lazer. Mas o que fazer nas horas vagas? Junto a isso, intensificou-se o processo de urbanização que criava espaços públicos. Mas como utilizar esses espaços de forma correta?

A classe trabalhadora conquistou, após inúmeros enfrentamentos, a redução da jornada de trabalho e alguns direitos como o sufrágio universal. Estas conquistas preocuparam a burguesia em relação à fonte como os trabalhadores poderiam aproveitar o tempo de folga: isso seria uma poderosa arma a ser utilizada contra ela mesma (burguesia), uma vez que com esse tempo de folga e com os espaços públicos disponíveis para os momentos de lazer, seria fácil a criação de movimentos sociais contra a classe dirigente.

Eu faço esporte ou sou usado pelo esporte? 57

Eu faço esporte ou sou usado pelo esporte? 51

“Você já pensou como seria jogar com todos os colegas, sem excluir aqueles que não tiveram a mesma oportunidade de praticar uma modalidade? É realmente necessário jogar contra o seu colega? Você não pode jogar com ele?”.

Pior: esse livro também era usado em escolas privadas devido à enorme influência do MEC. Pensem na dimensão do poder: o MEC determina o que deve ser ensinado na PNE, determina quais são os livros que serão utilizados e determina para qual prova o aluno deve ser preparado. Como bônus, o MEC faz uma avaliação concedendo número de estrelas a instituições de ensino. Imaginem o que representa o MEC fornecer apenas duas estrelas a uma instituições de ensino por ter uma biblioteca incompleta. Menos pais colocam seus filhos nessas instituições.

Como resultado disso, temos isso:



Centro de difusão do comunismo, da Universidade Federal de Ouro Preto.

Para quem tem dúvidas acerca do aparelhamento estatal, isso é somente a parte do MEC e do mercado editorial da educação. Uma outra parte é a União Nacional dos Estudantes, a UNE. A carteira nacional dos estudantes se tornou obrigatória. Mas qual a importância da UNE? Afinal de contas, eles só cobram o dinheiro da carteira para conceder benefícios aos estudantes, representá-los e para fazer um conglomerado dos DCEs.

Primeiro aspecto é que o dinheiro das carteiras de estudante não é nada, porque a UNE recebeu, somente do governo Lula, sessenta milhões de reais. Sem nenhuma necessidade de prestação de contas. Eles não precisam ter nem balanço. Não precisa nem ter DRE. E foram impugnados porque descobriu-se, na CPI da UNE, que alguns desses milhões foram gastos com cachaça, maconha, reforma de DCE, para colocar mesa de sinuca, festa, camiseta da festa, camiseta que é ingresso para festa. Alguns políticos em Brasília pedem para levantar uma CPI organizada para entender onde estão esses gastos. Alguém ainda poderia argumentar que dar dinheiro para os estudantes pode ter consequências negativas, mas como isso está relacionado com o aparelhamento?

Isso é a capa do site da UNE hoje. “Ele não! Mulheres dão resposta ao atraso e ao preconceito”, porque, evidentemente, representa a opinião de todos os estudantes. Ao lado, “Bolsonaro não”.



Será que é uma máquina de propaganda política ou será que é uma União Nacional dos Estudantes? No site da UNE, tem um vídeo acerca de sua história: “Na UNE, o mimeógrafo rodava panfletos fazendo propaganda socialista ao som da internacional, tocada na vitrola doada pelos americanos. A União Soviética, pátria mãe do socialismo, era o exemplo a ser seguido. E o comunismo a utopia em corações e mentes jovens pelo mundo afora. Até Carlos Drummond de Andrade fez versos para Stálin: ‘a poesia fugiu dos livros, agora está nos jornais. Saber que resistes, que enquanto dormimos, comemos e trabalhamos, resistes, que quando abrimos o jornal pela manhã teu nome, em ouro oculto, estará firme no alto da página, Stalingrado, miserável monte de escombros. Entretanto, resplandecente. A rosa do povo, Carlos Drummond de Andrade, 1945.”. Regime stalinista. E não é um passado do qual eles não se orgulham. Pelo contrário, é um passado que está no site, com vídeo, na home. A UNE, a qual pagamos a carteira dos estudantes, obrigatória, que apresentamos no cinema, é isso.

Há vários cases do ENEM, em que poesias foram tão enviesadas que o próprio escritor não soube determinar a resposta certa.

Eu resolvi começar pela educação, porque nela são formadas as pessoas que vão ocupar outros lugares. Nas instituições de ensino, as pessoas são formadas com essas ideias, fazendo desnecessário que sejam militantes do partido. Nas ciências

sociais, a bibliografia é completamente socialista. Como eles mesmos declaram, as pessoas se tornam hospedeiras da revolução. E elas vão trabalhar no jornalismo, na mídia, nas escolas, nos tribunais, como juízes.

O poder político

Visto o poder intelectual, vamos analisar o poder político, principiando pelo judiciário, que é o nosso ideal de justiça. O judiciário custou 84 bilhões de reais em 2017. O STF tem um custo de 500 milhões de reais por ano. Percebam a exorbitância: esse valor é mais elevado do que o gasto com a Suprema Corte norte-americana. Cada um dos onze ministros do STF ganha 15 milhões por ano, fora os motoristas particulares, os auxílios, a casa, as passagens aéreas. O Supremo Tribunal Federal (STF) legisla em altíssimo grau. Dos onze ministros existentes, oito foram indicados pelo PT. Ou seja, a maioria. O Presidente do STF se chama Dias Toffoli, um sujeito que foi advogado do PT em 1998, em 2002, em 2006, nos escândalos de corrupção de que foi acusado. Antes da Cármen Lúcia, o Presidente era Lewandowski, também indicado pelo PT, foi responsável por fatiar o impeachment de Dilma. Há grampos de ligação telefônicas, que foram considerados ilícitos, em que eles falam que tem que ir lá conversar com o Lewandowski dessa situação que estamos enfrentando.

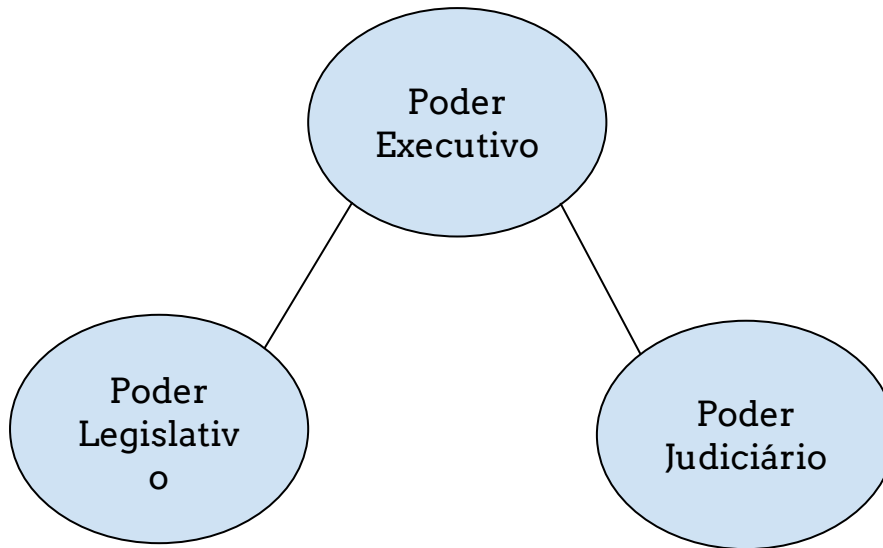
O que se pode fazer quando é o STF que julga, em última análise, se os homens serão soltos ou permanecerão presos? Há diversos episódios de soltura suspeitos. É uma briga de ideologia. Esse é o aparelhamento do judiciário.

Os ministérios. Atualmente, temos 29 ministérios. Chegaram a ser 40. Na prática, o ministério é a criação de um cargo bom para alguém. O Temer, por exemplo, ao assumir a presidência, após a votação do impeachment, indicou para serem ministros pessoas que o haviam auxiliado. Bruno Araújo, que articulou o voto do impeachment, foi nomeado Ministro das Cidades. Mendonça Filho, o qual articulou o bloco do PMDB, tornou-se Ministro da Educação. Nenhum deles tem histórico nessas áreas. Eles foram indicados para serem ministros porque se trata de um cargo que é negociado em troca de apoio. Os ministérios são isso e foram expandidos no governo do PT justamente com essa intenção.

O exemplo da justiça serviu para mostrar como esta está comprometida. Agora, quero migrar para o que me parece ser o miolo da questão quando o assunto é poder político.

Com frequência, ouvimos falar e falamos acerca do mensalão e do petrolão. Contudo, não compreendemos exatamente como funciona esse sistema.

Existe o Poder Executivo Federal, exercido pelo Presidente, superpoderoso, que “pode tudo”, até mesmo legislar, através de Medida Provisória. Além disso, existem o Poder Legislativo e o Poder Judiciário. Este último é responsável por julgar.



Teoricamente, estes três poderes deveriam ser iguais, mas, na prática, no Brasil, eles não são. Por isso, no desenho acima, o Poder Judiciário e o Poder Legislativo estão abaixo do Poder Executivo.

Refleta: por que o Partido dos Trabalhadores (PT) queria o Poder Executivo?

O que trataremos a partir daqui serve para compreender que o sítio, o pedalinho, o triplex, são aspectos menores e mais baixos. O Lula nunca roubou para comprá-los. O triplex foi um bônus de contrato que permitiu que ele fosse pego.

Então, qual é o ponto?

Quando Lula conseguiu conquistar o Poder Executivo, o aparelhamento da educação já havia ocorrido. Após assumir a Presidência, foi estipulado que Dirceu ficaria responsável por gerenciar, com os congressistas, a aprovação das leis necessárias para implementar o socialismo no Brasil, enquanto Lula viajaria pelo país, discursando, fazendo propaganda sobre a vinda da Copa do Mundo e a extinção da fome. Lula chegou a se comprometer a auxiliar países africanos em dificuldade. Isso aumentou sua popularidade internacional. Dirceu também não perdeu tempo. Teórico socialista, determinou a criação do máximo de estatais possível, a fim de usurpar violentamente dinheiro. Esse dinheiro, dentre outras utilidades, serviu para comprar

as pessoas. Teve um gerente da Petrobrás que devolveu 250 milhões de reais. Isso foi somente o que ele devolveu. Imagine quanto não ganhou o diretor, pertencente à alta cúpula, se, para o gerente, de pedágio, foram pagos mais de 250 milhões de reais para aprovação de contratos. As estatais eram pervertidas. Deixavam de servir para cumprir com seu propósito inicial e eram usadas para pagar a conta do partido. Você pode estar se questionando que conta era essa. Não é fácil financiar a UNE. Não é fácil concentrar tanto poder no MEC. O dinheiro das estatais era usado para aprovação das medidas no Congresso, através da compra dos congressistas. Para isso, bilhões foram roubados das estatais. Foi assim que Dirceu fez o maior escândalo de corrupção do planeta. As estatais pagavam a conta do legislativo, o valor cobrado pelos deputados para aprovar tudo que o governo precisava: expansão do número de ministérios, aumento da concentração de poder, legislações específicas, desarmamento da população, e para fazer mudanças.

Por vezes, somos acusados de ser teóricos da conspiração. No entanto, eles falaram que iam fazer isso. Eles assumem que fizeram isso. Não roubando, porque, na interpretação deles, vale lembrar, isso não configura roubo. O dinheiro das estatais foi usado para comprar tudo, a fim de formar corações e mentes.

O legislativo federal custa R\$1.2 milhão por hora. Ao todo, são R\$21 bilhões por ano. Vocês não gostam de alguns sistemas, certo? Luz, água, cinema, gasolina. Tudo que é nacional parece meio ruim, mesmo sendo fornecido por uma empresa privada. Assim, fundam-se as agências reguladoras. A agência reguladora serve para restringir determinados mercados a empresas específicas como Odebrecht, OAS, Camargo Corrêa. Afinal de contas, elas forneciam muito dinheiro ao governo. O mercado de telefonia estava restrito a Vivo, Claro, Oi, Tim, empresários que também davam muito dinheiro. Deste modo, forma-se o sistema chamado de capitalismo de compadrio, que é justamente ter parceiros capitalistas a quem o mercado é entregue. Foi isso que aconteceu no escândalo dos bingos. O PT fechou os bingos, que tinham casa de jogos, e tornou essa atividade um monopólio da Caixa Econômica Federal, uma vez que iam precisar do dinheiro. O PT fez agências reguladoras, criou oligopólios, que são esses grupos de empresas que sequestram dinheiro através de uma restrição mercadológica, e foi expandido esse mapa político de aparelhamento.

O papel das ONGs no movimento revolucionário

No Poder Executivo também temos duzentas mil ONGs. Saul Alinsky. As ONGs se enquadram no Poder executivo porque fazem exatamente o que o executivo da política faz. As ONGs fazem militância, aprovam propostas, e recebem dinheiro. Em cinco anos, Lula aumentou o repasse para ONGs em R\$12 bilhões. Antes, o dinheiro do executivo endereçado a essa atividade eram apenas milhões. Houve um aumento exponencial extremo. Em 2017, foram encaminhados R\$3 bilhões. Ou seja, o valor foi reduzido.

Você pode questionar: Lucas, mas todas essas ONGs são políticas? Não deve ser. É impossível. É estranho porque, em 2002, quando o PT subiu ao poder, o país tinha 22 mil ONGs, um número suficientemente expressivo. Mas, em 2006, esse número se ampliou para 260 mil. Esse crescimento parece normal? Em 2007, o Brasil já tinha 300 mil ONGs. Junte-se a isso o mencionado aumento de R\$12 bilhões. Temos exemplos de ONGs que receberam dinheiro público. É o caso do coletivo Leila Diniz, que tem como missão acabar com a família e com o patriarcado. Esse é o propósito da ONG: pregar o fim da família. O coletivo recebeu R\$500 mil reais do governo e R\$1.8 milhão de uma fundação estrangeira. Ou seja, são R\$2.3 milhões para uma página de Facebook, pois é isso que a ONG é, na prática, cujo objetivo é acabar com a família.

Outro fenômeno envolvendo as ONGs, muito difícil de ser analisado, é a questão do programa internacional que são as fundações estrangeiras. Isso é bem complexo, mas, resumidamente, a situação é a seguinte: alguns bilionários, como Rockefeller e Ford, constituíram algumas fundações filantrópicas, que foram transmitidas de geração para geração até se desvincularem de seu fundador original. O nome, às vezes, atrapalha. É o caso da Ford Foundation. A empresa Ford não se importa com esta, foi o homem Ford quem a fundou. Essas fundações estrangeiras distribuem uma quantia expressiva de dinheiro nesse mercado de ONGs para defender determinadas pautas. E são sempre os mesmos grandes figurões por trás, sempre. Essa tese ainda não tem uma “ponta fechada”. Isso quer dizer que o porquê disso acontecer está em aberto. Por que, por exemplo, George Soros distribuir bilhões para ONGs? Nos últimos vinte anos, em valores atualizados, essas fundações doaram R\$21 bilhões. É muito difícil entender. Mas se torna mais compreensível quando pegamos um exemplo específico, única maneira de fazermos isso. Existe uma mulher, chamada Nilcéa Freire, que trabalhou como coordenadora da Ford Foundation no Brasil. De novo, quando olhamos para esse cenário, não parece haver

nada problemático: existe uma fundação que dá dinheiro para ONGs e há uma coordenadora no Brasil que gerencia essas doações. Entretanto, Nilcéa Freire foi recomendada pelo Lula para Secretaria de Mulheres pela Dignidade. Isso gera um primeiro estranhamento. Nilcéa coordenou mais de R\$100 milhões em distribuição de investimento nas ONGs. Para determinar quais organizações receberiam o dinheiro, criou uma série de categorias de ONGs para as quais o dinheiro seria concedido. Essas ONGs têm que defender: feminismo ou/e aborto ou/e distribuição de renda ou/e fim do patriarcado. Há um dado ainda melhor: sem nenhum motivo, deram a ela uma sala para trabalhar exatamente no mesmo andar do Lula. Na época, ela fazia a distribuição do dinheiro e ocupava a direção de uma Secretaria que não ficava lá. Conquanto não seja uma tese fechada, há indícios do que está acontecendo. Infelizmente, esse exemplo é frequente.

No início da Brasil Paralelo, fizemos uma planilha imensa. É realmente muito dinheiro envolvido. Leonardo Sakamoto é um homem que determina basicamente 80% das notícias as quais as pessoas têm acesso. Ele possui uma replicadora, a qual coordena, que recebe dinheiro dessas fundações e do governo. O que é uma replicadora: O Sakamoto redige uma notícia original e os veículos replicam-na, tal qual está ou com pequenas alterações. Sakamoto já passou por e teve várias ONGs. No jornalismo, há esse movimento de ONGs que recebem dinheiro, eu não lembro precisamente a cifra, para sustentar jornalistas escrevendo matérias com salários de nove, doze, dezoito mil reais por mês. Provavelmente, existem números mais obscenos. Quando analisamos as notícias, percebe-se exatamente o mesmo perfil: indivíduos do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) defendendo o PT, Lula Livre, etc..

É muito significativo esse fenômeno de ONGs. Saul Alinsky está sendo aplicado no Brasil e em outros lugares do mundo. Alguns veículos de mídia do conservadorismo americano tem esse debate muito vivo. Acho que isso deixa a nós e a todo mundo envolvido o dever de cutucar mais esse esquema, George Soros, Open Society, e de entender por que esses homens estão dando bilhões para esses movimentos.

Há um boato, reforço, um boato, de bastidor, que George Soros compra dívida pública de países, aumenta a intervenção estatal no país, diminui sua eficiência econômica, quebra o país, e vende essa dívida pública por bem mais. Tem um episódio em que Soros ganhou R\$1 bilhão de dólares em um dia, apostando contra

a Inglaterra. Ele ficou conhecido como o homem que quebrou a Inglaterra. Sabemos que Soros é um revolucionário pois fornece quantias exorbitantes para liberalização das drogas, aborto, etc.. A questão é se ele possui algum retorno financeiro com isso ou se ele é um revolucionário intelectual.

Dinheiro: de onde vem e a quem compra

Continuando a questão do Estado brasileiro. O nosso Estado, o qual teve o aparelhamento supracitado, é a sétima arrecadação de impostos do mundo. Essa posição não é nem proporcional. Conseguimos ter uma arrecadação que vence as primeiras economias do mundo, o que é um absurdo, porque nosso PIB é ridículo perto dos EUA e da China. Além disso, ocupamos, por cinco anos consecutivos, o último lugar no que diz respeito ao retorno do imposto. Isso acontece porque não dá para retornar o imposto. O dinheiro é usado para fazer a revolução. Todo resto é besteira. Não se tem a intenção de retorno.

Para onde vai o dinheiro dessa arrecadação? Tratamos de alguns casos, como a UNE. Há outros, como a Central Única dos Trabalhadores (CUT) e o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST). O Brasil é o único país do mundo que tem imposto sindical obrigatório para o trabalhador. Ao trabalhar, o indivíduo compulsoriamente sustenta a CUT, não há alternativa. A CUT, conhecida pelas militâncias do movimento, recebe muito dinheiro do imposto sindical obrigatório. E, da mesma forma que a UNE e as ONGs, ou seja, há um padrão, a CUT não tem necessidade de prestar conta, não apresenta balanço. Em 2017, a CUT recebeu R\$51 milhões. Como se não bastasse o sindicato, a Petrobrás, sem qualquer justificativa, repassou-lhe mais R\$2 milhões.

Quando realizamos essa pesquisa acerca das ONGs, fizemos uma tabela no Excel, na qual aplicamos um pareto, a fim de termos uma lista com por ordem de recebimento. Com isso, foi possível perceber que todas as ONGs significantes são de esquerda. Isso quer dizer que até pode existir uma ONG ultraconservadora, mas esta não consegue captar dinheiro no Marco Civil Regulatória das Organizações Não Governamentais. É o mesmo filtro da Ancine para os filmes nacionais. É o mesmo filtro da Lei Rouanet. Ou seja, entre as 200 mil ONGs, algumas realmente podem não ser de esquerda. Entretanto, se existirem, não são contempladas com qualquer percentual do repasse de bilhões de reais do governo Lula.

Para outros sindicatos, são repassados R\$495 milhões. O Legislativo custa mais de um milhão por hora. O Executivo custa R\$1.8 bilhão por ano. O STF, R\$500 milhões. Outros sindicatos, R\$495 milhões. Foram destinados R\$80 milhões de reais para outros sindicatos sem justificativa. Não estamos nem falando sobre auditoria. É ter, em um tabela, ao lado do valor, uma justificativa escrita. Estava em branco. O espaço não foi preenchido.

Há 144 estatais que somam um déficit de R\$40 bilhões. Há um movimento para privatizá-las, que sofre críticas. Afinal, é importante que o governo mande cartas e que dê ao contribuinte um prejuízo de R\$5 bilhões para fazer isso, sem ter concorrência. Esse prejuízo de R\$5 bilhões, pago com os impostos, serve para José Dirceu fazer o mensalão, para aprovar leis que vão cobrar ainda mais. A privatização não deveria ser discutida, mas sim uma medida emergencial.

Ademais, temos o assistencialismo. A miséria é uma situação difícil e verdadeira, uma situação delicada. Os miseráveis são comprados com dinheiro. Os membros do PT nem perdem tempo pensando, cogitando usar a intelectualidade e a música de Chico Buarque para influenciar essas pessoas. Normalmente, quando falamos de assistencialismo, lembramos do Bolsa Família, mas são 28 programas estatais no Brasil. Eu recorro que em um debate, a Dilma afirmou que estavam querendo acabar com o Bolsa Família, um programa que representa somente 0,5% do PIB, contra os pobres. No entanto, isso é uma desinformação. Os 28 programas estatais não custam só isso. Eles custam R\$450 bilhões por ano. Isso representa 65% do orçamento disponível. Há o auxílio gás, Bolsa Escola, Bolsa Atleta, Solidária, Luz para Todos, Mais Médicos, Luz no Campo, Bolsa Verde, Programa Comunidade, Distribuição de Renda, Brasil Alfabetizado, Minha Casa Minha Vida, e assim por diante. O assistencialismo pesa sim. Basta pensar que com a retirada do assistencialismo, o valor do orçamento é reduzido em 65%. É fundamental lembrar que isso é mais um braço da estratégia. Tudo que estamos abordando é para entender como eles compram as pessoas, como compram todo sistema para fazer valer as ideias que discutimos ao longo dessa aula e da aula "Ideologias Políticas - as diferentes correntes".

Há, igualmente, a Seguridade Social. O Brasil também é o único país do mundo que tem a população jovem e o gasto público elevadíssimo em previdência. Embora usufruamos de um bônus demográfico, devido à população jovem, aumentamos R\$200 bilhões/ano a dívida da previdência. Ou seja, o governo usa todo orçamento

da previdência, contrai um empréstimo de R\$200 bilhões e, no ano seguinte, novamente, usa todo orçamento da previdência e contrai mais um empréstimo de R\$200 bilhões, acrescidos dos juros dos R\$200 bilhões do ano anterior. Aumentamos, assim, em R\$200 bilhões por ano o déficit. A seguridade social como um todo custa R\$700 bilhões, resultante, resumidamente, do excesso de populismo. Apenas para lembrar, o PIB do Brasil, o impostômetro, é de R\$2 trilhões. Temos um problemão se não resolvermos o déficit da previdência. Eu vou me dar a liberdade de roubar a premonição do Instituto Mises: ninguém, entre nós [pessoas que estavam na sala], vai receber aposentadoria. Receberá somente se fizer um plano privado e a empresa não falir. Caso contrário, nenhum de nós vai receber aposentadoria. A chance é zero. O Instituto Mises tem argumentos sólidos para fazer essa afirmação. Eu recomendo que você procure o artigo que trata do tema.

Ricardo Gomes, na entrevista que concedeu para o documentário Congresso Brasil Paralelo, faz uma indagação interessante: o que vai acontecer quando mais de 50% da população depende desses gastos? Quem vai votar para acabar com isso? Ricardo Gomes diz que esse é *point of no return*, o ponto sem retorno. Em média, o servidor público ganha 67% a mais do que os funcionários que prestam o mesmo trabalho na esfera privada. Além disso, o servidor público não pode ser demitido sem justa causa, tem férias. A maior parte recebe 13º e 14º salários e tem aposentadoria integral. Ou seja, são concedidos diversos benefícios para as pessoas quererem trabalhar na máquina pública. Como resultado, 40% de todos os gastos da União são para pagar funcionalismo público.

Se você somar todos os valores, perceberá que há muito tempo ultrapassamos a arrecadação do governo. Isso porque o dinheiro já acabou a muito tempo. Há quem tenha dito que o teto de gastos era um absurdo, que era um congelamento dos investimentos. É preciso ter clareza que não existe investimento. Qual investimento? Para ser uma das piores educações do mundo? Para ser o país com maior número de homicídios? Para ter o pior retorno de imposto? Qual índice está sendo defendido? Qual infraestrutura? Eu não sei qual é. Eu recomendo a tese do Bruno Garschagen sobre o tema, em que questiona: você não odeia políticos? Não desconfia deles? Então, por que você quer que os políticos façam tudo para você? Quando as pessoas afirmam que o Estado tem que garantir a educação, na prática, estão entregando a sujeitos como Lula e Paulo Maluf, o ensino das crianças. Do mesmo modo, quando afirmam que a política tem que garantir a saúde, a consequência é o programa Mais

Médicos, um programa cubano. Entre o treinamento dos médicos cubanos, há um muito bom, que é o tiro de fuzil no meio do mato. Esse programa, o Mais Médicos, custa R\$3.3 bilhões por ano.

Afora tudo isso, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) jogou, junto com os bancos estatais, R\$1 trilhão e 100 milhões na economia nos últimos dez anos. Isso gerou perda do poder aquisitivo, propina, desvalorização da moeda. Claro que, para fomentar o empreendedorismo, o BNDES destinou mais de 70% desse investimento para grandes empresas, que são aquelas que possuem mais de 500 funcionários. As principais empresas beneficiadas pelo BNDES são: Odebrecht e demais construtoras, bancos, Ambev e siderurgia.

Conversamos sobre três pontos que foram escritos nos livros: primeiro, taxaço progressiva da sociedade; segundo, distribuição de riqueza sem que as pessoas se deem conta, ou seja, executar a planificação da economia sem planificar a economia e; terceiro, fragmentar a sociedade o máximo possível para dividir e conquistar. Com base nesses três pontos e em todos os números mostrados, o Brasil é um país livre ou comunista? Não há motivos para não acreditarmos que somos comunistas. De novo, estamos dentro do sistema, da mesma forma que vemos, na Coreia do Norte, as pessoas falando que o Supremo Líder quer seu bem e que os EUA os prejudica. Estamos nos últimos dez lugares do mundo em questão de liberdade, no 122º lugar. E lideramos em rankings como quantidade de homicídios, intervenção estatal, carga tributária. No retorno do imposto, estamos atrás de países como a Argélia, Colômbia, Mauritânia, Tajiquistão. O Brasil só é a sexta economia do mundo, como tanto alardeiam, por um único motivo: um mercado interno de 200 milhões de pessoas. E por uma cidade, que realmente se destaca no quesito de cultura empreendedora, que é São Paulo.

Infelizmente, Saul Alinsky, David Horowitz, Escola de Frankfurt, Karl Marx, Friedrich Engels, Sociedade Fabiana e Social-democracia têm espaço no Brasil, e não falta muito para não ter mais como mudar isso no curto prazo.

A dívida financeira não é o principal problema. Nós não pagamos a dívida financeira, nós a trocamos. O governo joga o empréstimo, imprime moeda, e com essa impressão e com essa jogada de empréstimo pagamos a dívida. Não é o orçamento que paga a dívida. A dívida nunca foi paga. Essa foi uma mentira propagada no governo Lula. Nós não pagamos nem a dívida nem os juros da dívida. Apenas a rolamos.

PERGUNTAS:

- 1) Na última aula, falamos sobre a cultura conservadora e a cultura revolucionária. Em tese, o conservadorismo concebe que existem mudanças sociais, mas é contra acelerar processos políticos. Considerando que o *status quo*, hoje, é um estado que se flerta com e busca concretizar o totalitarismo, como seria vista uma medida mais revolucionária “conservadora” para tirar o Estado dessa circunstância?

Primeiro, não é uma revolução se isso for feito. Para ficar mais claro, um exemplo: o MST invade a tua casa e te tira de lá a socos. E assume sua propriedade. Tu volta lá e retoma a casa deles. Poderiam dizer que tu criticou a vida inteira os sem-terra e agora está agindo da mesma forma. Essa analogia, que obviamente tem duas diferenças, foi feita para tentarmos entender esse ponto de vista de que não seria uma revolução na prática. Claro que, essa linha é muito tênue. Não existe um juiz para estabelecer o que é a revolução e o que é, digamos, uma retomada do que é nosso. Mas temos que entender que hoje estamos em um pirâmide em que a constituição é interventora e permite tudo isso, o executivo é um super executivo, e usa do poder financeiro que existe de ser o sétimo país que mais arrecada e as estatais para comprar o legislativo, para implementar, com o legislativo, a cultura. E aí compra filme. É o *establishment*. São os donos do poder do Raimundo Faoro, muito mais do que ele desenhou até. A gente pode falar como a gente tem lutado. A gente tem lutado primeiro para quebrar a hegemonia cultural, que é a maneira de perceber essas ideias, furar essa realidade e não ficar tal como os homens da Coreia do Norte e seu líder. Estamos furando esse sistema culturalmente. Furando esse sistema, essas ideias tendem a perder eco e as estratégias a serem expostas. E, no médio prazo, conseguimos pelo menos polarizar esse tipo de visão de mundo e não deixar que se estabeleça uma hegemonia cultural e política. Mas, para fazer uma ruptura, uma ruptura, não sou juiz para dizer o que é e o que não é uma revolução. Mas, na

verdade, não é uma revolução, é voltar ao estado normal das coisas. E acho que está acontecendo bastante no Brasil.

2) Como reverter essa situação da educação nas escolas e universidades do modo mais rápido possível?

Tem um jeito bem rápido de reverter. Primeiro, extinguir o Ministério da Educação, pois é comunista, totalitário, é uma ditadura. 68% dos alunos de ensino superior são analfabetos funcionais. Não conseguem decodificar um texto de 10 linhas e não conseguem realizar as quatro operações matemáticas básicas. Nossa educação já deu completamente errado. É preciso acabar com o Ministério da Educação e deixar o livre mercado agir bastante na educação, implementar bastante coisa que está faltando, descentralizar, permitir *homeschooling*. Entendo que por mais que tenha um processo longo de troca de professores e tudo mais, o ponto A é acabar com o Ministério da Educação.

É o autointeresse de que Saul Alinsky falava. Quando há um corte no fluxo financeiro, elimina-se a auto sustentação desse projeto, porque não é todo mundo que concorda com isso. Pelo contrário, é uma pequena parcela que tem alguma consciência. O resto é determinado por uma questão financeira, de dinheiro.

Lembrando, Saul Alinsky tinha exatamente essa preocupação filosófica: qual é a brecha na democracia capitalista? E ele acertou. Alinsky cita, no início do seu livro, um trecho do Lênin em que diz: “os capitalistas venderão a corda que eu usarei para os enforcar.”

3) As pessoas criam fundações nos Estados Unidos porque há limite de valor que pode ser herdado pela família. Daí essas entidades são mantidas sob controle de herdeiros. É isso?

Isso acontece, mas estamos falando aqui de outro fenômeno. Acontece sim a criação de fundações não só pelo limite de herança, mas pelo imposto de herança. O imposto de herança nos EUA é bem alto e as pessoas criam um planejamento tributário para fugir disso, porque a legislação não vai dar conta de tirar dos homens mais poderosos do mundo dinheiro. Eles transferem o dinheiro para instituições, para empresas, para outros meios, inclusive instituições filantrópicas. Mas nós estamos falando aqui como elas atuam contemporaneamente nessa prática de doações, que é realmente doação, auto interessada ou não, mas é muito expressiva essa doação especial dessas que ficaram famosas: a Rockefeller Foundation, a Ford Foundation e

a Open Society. As três apresentam balanço em seus sites, e o valor que doam é bem impressionante.

4) O Presidente pode acabar sozinho com esses assistencialismos ineficazes?

Não. O Presidente pode baixar uma Medida Provisória, tentar resolver a curto prazo, mas se não tiver apoio do congresso, não consegue. Lembrando que eles só conseguiram fazer tudo isso, e aí está a briga que o Saul Alinsky levantou da moralidade x amoralidade, porque eles compraram os parlamentares. Sem comprar os parlamentares, é difícil. É briga política.